

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA - LICENCIATURA**

LIZIANI SCHEFFER EVALDT

REALIDADE DO ALUNO

Em busca de um novo olhar

Três Cachoeiras

2010

LIZIANI SCHEFFER EVALDT

REALIDADE DO ALUNO

Em busca de um novo olhar

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção de título de Licenciatura em Pedagogia a Distância da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – FAGED/UFRGS.

Orientadora:

Profa. Dra. Marie Jane Soares Carvalho

Co-orientadora:

Profa. Dda. Juliana Brandão Machado

Três cachoeiras

2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Aldo Bolten Lucion

Diretor da Faculdade de Educação: Prof. Johannes Doll

Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura na modalidade a distância/PEAD: Profas. Rosane Aragón de Nevado e Marie Jane Soares Carvalho

Dedico este trabalho à minha família,
aos meus amigos, ao meu marido
e à minha orientadora.

AGRADECIMENTOS

A conclusão deste trabalho seria impossível sem a colaboração de muitas pessoas que me auxiliaram de diversas formas, manifesto um agradecimento especial...

Aos meus pais Moises e Inez que me ensinaram a ser perseverante, sincera e honesta em qualquer momento da vida.

Ao meu marido Vinicius, pela compreensão nos momentos em que não pude estar ao seu lado devido aos estudos e principalmente pelo incentivo e apoio traduzido em três palavras: “tu vais conseguir”.

Aos meus amigos que me entenderam e me apoiaram todas as vezes que me convidaram para sair e eu dizia: “não posso, estou cheia de trabalhos para postar”.

À Prof.^a Juliana, que me atendeu todas as vezes que a chamei no MSN, inclusive domingos, feriados e até mesmo quando estava “off ou ocupado” me auxiliando em minhas dúvidas.

À Prof.^a Dr.^a Marie Jane, minha orientadora, por seus questionamentos que me possibilitaram realizar novas experiências, estabelecer novos pontos de vista e acreditar em meu potencial.

À professora Nádie Christina, que sempre me atendeu mesmo estando tão distante geograficamente.

A todos os meus colegas, amigos ou conhecidos que me auxiliaram simplesmente através de gestos, olhares ou sorrisos.

E a Deus pela vida!

“O importante é não parar de questionar.”

(Albert Einstein)

RESUMO

O que é *Realidade do Aluno* é o tema em discussão neste trabalho. Para elucidar esta questão inicialmente trata-se do conceito de realidade. A palavra realidade por ser utilizada freqüentemente na vida cotidiana raramente é questionada, tornando-se alvo de respostas baseadas em senso comum: “realidade é como o mundo é” ou “realidade é aquilo como as coisas são”. Entretanto, basta desacomodar questionando-se sobre o termo para perceber que realidade é um conceito complexo e que exige contextualização. De forma abrangente a realidade é considerada tudo o que envolve o real (seja concreto ou abstrato) e que pode ser representado pela linguagem. A realidade pode ser considerada não problemática (realidade cotidiana) ou problemática (realidade distante representada através da linguagem). Os embates discutidos no presente trabalho envolvem estes dois âmbitos da realidade possibilitando um novo olhar sobre a realidade do aluno antes defendida em meu ponto de vista apenas como o meio social onde o educando está inserido (realidade não problemática). Para realizar a análise sobre *Realidade do Aluno* utiliza-se entrevista com dez alunas de segundo ano de Magistério, dezessete professoras em sala de aula e nove professoras aposentadas, ambas de escolas públicas. As alunas entrevistadas demonstram dificuldade para conceituar *Realidade do Aluno* e as respostas apontam diretamente para o meio social onde o aluno vive. Quinze das dezessete professoras que estão em sala de aula afirmam que o tema em estudo implica unicamente no meio social onde o educando está inserido e duas delas ressaltam que a *Realidade do Aluno* não é somente o meio onde ele vive, mas também seus interesses que são influenciados pelas informações que ele recebe. Em relação aos professores aposentados percebe-se que o conceito de *Realidade do Aluno* é fortemente ligado ao meio familiar onde ele vive e que raramente discutia-se sobre a questão. Também foram analisados dados coletados durante meu estágio curricular desenvolvido em uma turma de primeiro ano de ensino fundamental de uma escola pública no município de Três Cachoeiras. Os resultados mostram que a *Realidade do Aluno* é entendida como o meio social onde ele está inserido. Entretanto, as experiências realizadas durante o estágio curricular com o desenvolvimento da arquitetura pedagógica de Projetos de Aprendizagem permitiram a desestruturação da certeza que eu possuía sobre *Realidade do Aluno* entendendo-a como o meio social na qual o mesmo está inserido, como por exemplo, a família e a comunidade. Quando oportunistei espaço para que meus alunos expusessem seus interesses e dúvidas surgiram muitas questões que eu considerava não fazerem parte de sua realidade de aluno, entre elas a pergunta norteadora do Projeto de Aprendizagem desenvolvido: “Como nascem os vulcões?” Em decorrência deste fato passei a me questionar: como trabalhar com um tema tão distante da realidade de meus alunos? A concepção de *Realidade do Aluno* descrita até o momento é abrangente o suficiente para permitir que eu considere o tema vulcões como algo que faz parte da realidade de meus alunos? As novas experiências desenvolvidas desestabilizaram velhas crenças e evidenciaram que a *Realidade do Aluno* é tudo o que faz parte de sua linguagem.

Palavra chave: Realidade do aluno, Projetos de Aprendizagem, Linguagem.

SUMÁRIO

1 PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES	10
2 CONCEITUANDO REALIDADE.....	13
2.1 Realidade	13
2.2 Realidade cotidiana: realidade por excelência.....	14
2.3 Realidade distante	15
2.4 O homem constrói sua realidade.....	16
3 CAMINHOS PERCORRIDOS	18
3.1 A escola onde desenvolvi o estágio curricular.....	19
3.2 A turma em que desenvolvi o estágio curricular	20
3.3 O início do estágio curricular	21
4 REALIDADE: UM CONCEITO TÃO OBVIO QUANTO PARECE?	24
4.1 Novas experiências desestabilizam velhas crenças	27
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: DESACOMODAR É ESSENCIAL.....	31
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	33
ANEXOS	34
APÊNDICES	37

1 PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES

Durante minha caminhada no Curso de Graduação em Pedagogia-Licenciatura Modalidade a Distância da UFRGS aprendi a reavaliar minhas próprias certezas, a questionar o que tomo por verdades absolutas. Esta mudança ocorreu através das atividades propostas pelas interdisciplinas, textos estudados e principalmente questionamentos de meus professores. No que se refere aos questionamentos levantados pelos professores do curso posso citar como exemplo marcante as intervenções realizadas em meu blog Portfólio de Aprendizagens¹. As indagações me possibilitam reavaliar minhas postagens, por exemplo, quando afirmei em meu Portfólio de Aprendizagens durante o Eixo VII que me preocupo com o fato de ainda existirem indivíduos alfabetizados e letrados, fui questionada por um professor, se eu conheço algum caso que se enquadra nesta afirmação.

Para responder esta questão além de refletir sobre o que eu havia escrito, tive que argumentar com um exemplo: tinha um aluno que era capaz de ler perfeitamente, mas quando chegava ao final de uma frase não sabia dizer o que havia lido, não compreendia o texto, explicando ainda que o fato de saber ler e escrever nem sempre significa que o indivíduo seja letrado. Desta forma caracterizei o modelo de letramento na qual me referi nesta postagem, destacando que este aluno é “fruto de uma escola” que se preocupa apenas com um tipo de letramento, ou seja, decodificação do código de leitura e escrita.

Neste ambiente onde tenho liberdade para arrazoar minhas aprendizagens, dialogar com tutores e professores, posso também expressar minhas dúvidas e angústias. Tudo começou durante o Eixo VII quando realizei uma postagem em meu Portfólio de Aprendizagens referente ao trabalho com Projetos de Aprendizagens² proposto pela Interdisciplina Seminário Integrador VII. Nesta, expus idéias sobre como os assuntos que desencadeiam os Projetos de Aprendizagens podem surgir na sala de aula. Entre estas colocações uma em especial me deixou bastante apreensiva, pois, afirmei que o tema de um

¹ Para conhecer meu Portfólio de Aprendizagens visite: <http://peadportfolio156840.blogspot.com>

² A fundamentação do trabalho com Projeto de Aprendizagem se ampara em FAGUNDES, L.C., Sato, L.S. & Maçada, D. L, 1999.

Projeto de Aprendizagem a ser pesquisado deve partir do interesse do aluno, mas não obrigatoriamente da realidade onde ele está inserido. Passei a me questionar silenciosamente: que realidade é esta que o aluno de hoje está inserido?

Ainda na mesma postagem relatei que o aluno pode ter curiosidade em um assunto que não faz parte de sua realidade, como por exemplo, alunos brasileiros desejarem conhecer a cidade de Veneza, partindo de uma realidade muito “distante” para posteriormente criar vínculos com a realidade de seu cotidiano. E assim, mais uma dúvida fez parte de minha rotina enquanto professora: como posso julgar que um tema de interesse levantado pelos meus alunos não faz parte da realidade dos mesmos?

O tempo passou. Durante o oitavo semestre quando assumi a turma de primeiro ano em meu estágio docente em uma escola estadual de ensino fundamental a prática que vinha desenvolvendo anterior ao trabalho com Projeto de Aprendizagem em minha sala de aula, justificava meu modo de pensar sobre realidade do aluno, pois, estava trabalhando o caminho da escola até a casa, as diferenças entre meio rural e urbano, tipos de moradia, enfim, o que eu julgava fazer parte da realidade de meus alunos. Estava desta forma buscando partir de uma realidade encontrada na vida cotidiana de meus alunos para posteriormente inserir outras realidades, algo mais distante, como por exemplo, partir da realidade do município para realidade do estado, do país e assim sucessiva e gradativamente propunha partir do local para buscar o que parecia estar distante. E então, com esta precária visão de realidade do aluno fundamentada ainda em conteúdos preestabelecidos por séries como aceitar o desafio de pesquisar sobre vulcões, algo que eu julgava tão distante da realidade de meus alunos?

Para responder esta dúvida percebi através do questionamento da professora Marie Jane sobre o que é realidade do aluno, que é necessário conceituar realidade do aluno, refletir sobre o que tenho ou o que tinha como verdades absolutas sobre o tema a ser estudado. Para tanto utilizo nesta pesquisa os dados coletados durante meu estágio docente e entrevista com professores da rede pública nas escolas onde atuo.

São estes embates que desenvolverei em detalhe neste trabalho, iniciando a discussão pelo conceito de realidade no capítulo 2.

No capítulo 3, delinearei os caminhos percorridos, como a escola, a turma e o modo como foram realizados os registros de cada aula desenvolvida durante o estágio docente. Ainda neste capítulo também relatarei como foi realizada a pequena pesquisa entre alguns professores de escolas públicas do município de Três Cachoeiras.

No capítulo 4 descreverei minha concepção de realidade do aluno antes e depois de realizar o estágio docente, assim como, apresentarei acontecimentos ocorridos em meu estágio docente que argumentam afirmações teóricas no presente trabalho.

No capítulo 5 dedico-me a relatar como foi a experiência de desacomodar, duvidar de certezas que eu julgava absolutas, verdadeiras com relação ao tema a ser pesquisado.

2 CONCEITUANDO REALIDADE

Antes de estabelecer uma discussão com maior clareza e detalhes entre o conceito que tenho hoje sobre realidade do aluno, os dados levantados durante meu estágio docente e os resultados da pesquisa entre os colegas educadores de algumas escolas públicas na qual tratarei no capítulo 4, entendo que é relevante tratar em primeiro lugar o conceito de realidade para posteriormente partir especificamente para o conceito de realidade do aluno. Neste capítulo apresentarei fundamentações teóricas que embasam o presente trabalho.

2.1 Realidade

Realidade. Utilizamos esta palavra tão freqüentemente em nossa vida cotidiana nos mais variados contextos que nem ao menos paramos para refletir sobre seu significado. O que nos parece tão obvio, torna-se um tanto obscuro quando questionamos sobre seu verdadeiro sentido e percebemos a complexidade deste conceito. (DUARTE, 2006).

É comum habituarmos-nos com conceitos que fazem parte de nosso dia a dia aceitando-os sem nos questionarmos sobre seus significados, pois, estes parecem ter sido construídos ao longo de nossa experiência de vida ou mesmo ter origens em respostas do tipo senso comuns. Diante disso, passamos a pensar sobre o que pode nos levar a refletir sobre o que tomamos como verdades absolutas, mais precisamente sobre o conceito de realidade aqui discutido no presente trabalho.

“Desacomodar” talvez esta seja a palavra chave. O ato de desacomodar gera-nos certa insegurança, pois, desestabiliza nossas certezas sobre determinado assunto em questão. Foi exatamente o que me permitiu refletir sobre o conceito de realidade que até então, julgava ser apenas uma simples palavra utilizada em minha vida cotidiana e profissional.

Independente da área onde atuamos ou estamos inseridos acabamos por descartar o questionamento sobre o que é realidade por considerar algo “fácil demais” para ser respondido. Estamos habituados ao comodismo das respostas construídas ao longo do tempo por senso comum. Entre elas, estão as duas respostas mais freqüentes: “realidade é como o

mundo é” ou “realidade é aquilo como as coisas são”. Mas, é preciso ter cuidado, pois, a pergunta pode ser a mesma independentemente de quem a formula, mas a resposta tende a ser diferenciada considerando-se o ponto de vista de cada pessoa. Talvez, sob este ângulo faça sentido ao invés de falarmos de realidade, discutirmos realidades. Por exemplo, para o cientista a água é H₂O, para a lavadeira a água é a “ferramenta” que torna seu trabalho possível, para o operário que trabalha sob o sol a água também possui uma realidade diferente, pois, mata sua sede. A realidade, ao contrário do que muitas pessoas pensam, é um conceito complexo, que exige reflexões aprofundadas e contextualizadas. De uma forma geral, a realidade envolve o real (seja, concreto ou abstrato), é tudo que existe e que pode ser representado pela linguagem, pela palavra. (DUARTE, 2006).

Como professora de séries iniciais a realidade a qual me refiro é precisamente a “realidade do aluno”. Frequentemente, utilizava este termo para designar o meio onde meus alunos estavam inseridos, como a família, a comunidade, o município da qual faziam parte como descreverei com maiores detalhes minhas idéias sobre realidade do aluno no capítulo 4.

2.2 Realidade cotidiana: realidade por excelência

A realidade da vida cotidiana é considerada a realidade por excelência, a realidade que predomina em nossos pensamentos, pois, estamos acostumados a ela, seguros dos conhecimentos que dispomos sobre ela. Mesmo assim, na realidade cotidiana existem zonas mais próximas ou distantes de minha consciência. A realidade que é tocável, mutável através de meus atos, se configura na realidade mais próxima, a chamada realidade cotidiana. Este setor da realidade que é mais claro e conhecido, é também chamado de não problemático. (DUARTE, 2006).

O fato de estarmos intimamente ligados a realidade cotidiana, envolvidos na rotina do dia a dia, talvez seja o motivo pelo qual ao pensar na realidade de meus alunos, logo a relacionei-a com o meio rural onde vivem, pois, este é o meio na qual fiz parte praticamente minha vida inteira. Morava com minha família em uma casa rodeada por árvores e ar puro, tínhamos horta onde colhíamos nossas próprias verduras sem agrotóxicos, conhecíamos e éramos amigos de todos os vizinhos, uma vida típica de interior.

Conhecer tão bem a simplicidade, a paisagem bela e calma da comunidade onde meus alunos moram possibilitou-me que eu “imaginasse”, me prendesse a realidade imediata, não problematizando-a, deixando de questionar sobre esta realidade. Por exemplo: em um planejamento anterior ao início do trabalho com Projetos de Aprendizagem quando contei a história dos Três Porquinhos para meus alunos tive a intenção de comparar as casas dos

porquinhos com a moradia de cada criança, pensando previamente que eu conhecia a realidade de cada criança, pois, sabia onde cada uma morava, como era sua casa e que existiam diferenças entre as casas (algumas de madeira, de tijolos, menores, maiores ou maiores, distantes ou perto da escola, por exemplo).

Ainda nesta mesma aula comentamos também sobre as pessoas que não possuem casas (que moram nas ruas) e as que moram em ambientes coletivos como orfanatos ou asilos partindo de uma realidade mais próxima (no caso a moradia de cada criança) para uma realidade mais distante, ou seja, a realidade de outros lugares, de outras pessoas. Seguindo a lógica de que devemos sempre partir do que os alunos já conhecem para posteriormente introduzir, possibilitar novas descobertas. Mas, neste caso me questiono: se escolho de onde meus alunos devem partir (da realidade cotidiana) não estarei automaticamente descartando suas curiosidades e/ ou interesses? E se os mesmos desejarem conhecer realidades distantes? O que fazer para desprender-se desta velha crença?

Utilizamos em nossa realidade cotidiana, uma linguagem predominante intimamente ligada ao nosso dia a dia. É a partir dela que tentamos entender as outras realidades (DUARTE, 2006). Por exemplo: em uma exposição de quadros com pinturas abstratas, o público leigo procura encontrar nas obras formas, contornos que lhes são conhecidos, como um animal, uma pessoa, buscando traduzir aquela realidade obscura naquela que é conhecida e rotineira. Nunca havia pensado desta forma, isso justifica o fato de frequentemente tentarmos conectar, entender uma realidade distante com a nossa própria realidade.

2.3 Realidade distante

Como me referi anteriormente realidade do entorno social onde vivemos geralmente é a mais “lembrada”, pelo simples fato de estarmos intimamente ligados a ela em nosso dia a dia. Entretanto, através da palavra, da linguagem podemos “transportarmos ou desprendermos” até outras realidades. Por exemplo: ao pensar no Japão tenho consciência de que não posso estar lá neste momento, mas através da linguagem imagino, conheço, visualizo esta região que não está disponível aos meus sentidos no momento. Pela palavra podemos ter consciência através de nossa mente do espaço onde vivemos e também de ir “além” dele nos transcendendo além do aqui e agora. Não dependemos unicamente do universo físico, mas simbólico, pois, a palavra “empresta” sentidos ao mundo. (DUARTE, 2006).

O mundo é significado através da linguagem, então a realidade também é estabelecida e mantida por ela. Sob este prisma, a linguagem é considerada um sistema simbólico pelo qual se representa as coisas do mundo. Tudo que existe no mundo tem um nome, uma palavra para

representar. Mesmo que alguns conceitos existem para nós sem ter um respectivo nome, eles aparecem em nosso pensamento à luz de outros sistemas simbólicos criados pelo homem. (DUARTE, 2006). Por exemplo: recentemente em uma visita a uma casa de cultura visitei algumas obras abstratas feitas de vidro, fiquei durante algum tempo procurando formas naquelas esculturas. Na verdade agindo desta forma desconsiderei a realidade do autor que concretizou suas obras para serem obras abstratas, pois se fossem para terem suas formas definidas teriam outras molduras. Mesmo assim, inconscientemente busquei relacionar as formas abstratas com objetos de meu cotidiano, comparando uma das obras com um vaso.

Através da linguagem podemos ir além da realidade do entorno social onde vivemos. Através da palavra meus alunos chegaram ao estudo dos vulcões, problematizando o tema, já que em nossa região não existem vulcões ativos que pudessem chamar a atenção das crianças para este assunto. A linguagem aproxima realidades distantes como detalharei melhor no capítulo 4, exemplificando esta afirmação com fatos ocorridos durante meu estágio docente.

2.4 O homem constrói sua realidade

O homem em sua relação com o mundo onde vive é construtor da sua realidade. Entretanto, ele percebe-se submetido à realidade, como se as forças naturais ou sociais o dominassem. (DUARTE, 2006). Cabe aqui me questionar: Por que sendo o homem construtor de sua própria realidade ele não se “vê” desta forma? O que leva o homem a submeter-se a realidade observando-se como um ser passivo perante a mesma? Estas respostas serão tratadas no capítulo 5.

Obviamente as forças naturais não são criadas pelo homem, mas a maneira de percebê-las, de interpretá-las, de estabelecer relações, sim. (DUARTE, 2006). Por exemplo, se tenho minha casa destruída por uma tempestade, tenho duas opções: ou me torno uma pessoa desabrigada, condicionada pelos fatores físicos lamentando a perda pelo resto da vida, ou me desacomodo, buscando construir uma nova realidade, reconquistar o que perdi.

No que se refere às forças sociais, é preciso considerar que uma pessoa só não é capaz de mudar a realidade, mas se cada indivíduo realizar o seu papel, unindo-se a um grupo de pessoas com o mesmo objetivo, é possível mudar a realidade. A realidade não é algo externo a nós, ela é construída socialmente, e, portanto pode ser modificada. Isso é possível através da consciência reflexiva, o homem pode pensar em si próprio, tornar-se objeto de sua reflexão. (DUARTE, 2006).

Vivemos em uma sociedade onde somos “dirigidos” por normas. Se participo de uma escola, sei que tenho meu papel como professora e que devo atender as legitimações desta

instituição, e assim sucessivamente em nossa vida, pois, participamos de várias instituições, como família, Igreja ou grupo da comunidade. Por exemplo: se é norma da escola que a avaliação do aluno seja feita através de pareceres descritivos não posso manter sozinha uma concepção divergente tentando modificar esta realidade sozinha. Posso me unir a mais pessoas que pensam como eu, como no grupo de estagiárias na qual fiz parte durante o estágio. Tínhamos nossas convicções sobre os Projetos de Aprendizagem e tentamos convencer a comunidade escolar sobre isso, como detalharei melhor no capítulo 4 incluindo meu ponto de vista a respeito deste assunto, falando de minhas práticas pedagógicas.

Mesmo assim, mudar a realidade é um processo lento, pois, as instituições possuem mecanismos estabilizadores que as protegem de mudanças repentinas ou bruscas conforme a vontade de um grupo de pessoas divergentes da realidade atual, tentando persuadir os integrantes do grupo a terem o mesmo ponto de vista sobre realidade em que vivem. (DUARTE, 2006).

Como já afirmado anteriormente nenhuma pessoa é capaz de mudar a realidade sozinha, nem mesmo aquelas consideradas intelectuais, ou seja, as pessoas que tentam mudar a realidade atual questionando, buscando nelas falhas, vazios onde possam ser introduzidas novas concepções de realidade. (DUARTE, 2006). Assunto que será melhor abordado no capítulo 5.

A principal característica do intelectual é o ato de questionar a realidade tida e mantida pelas instituições como “única possível”, afinal, se admitimos viver em mundo considerado pluralista como desconsiderar os diversos pontos de vista existentes em nossa sociedade?

3 CAMINHOS PERCORRIDOS

Desde criança meu sonho sempre foi ser professora. Recordo-me que minha brincadeira preferida era “brincar de escolinha”. Entretanto, só me sentia realizada quando a professora era eu e meus colegas, primos ou amigos eram os meus alunos.

Quando assumia o papel de professora realizava brincadeiras e distribuía folhas de caderno com atividades que reproduziam uma espécie de “faça como no modelo”. Na realidade, me espelhava nas próprias atividades de sala de aula que eu desenvolvia enquanto aluna.

Recordo-me também que na primeira série a professora contava quase todos os dias a “história da abelhinha” apresentando novas letras do alfabeto em sua respectiva ordem. Entretanto, a letra inicial de meu nome parecia não “chegar nunca”. Desanimada, porque vários colegas já tinham a letra de seu nome fixada na parede em frente ao quadro e eu ainda não, não tinha mais vontade de ir para a escola. Minha mãe me deixava na escola e eu fugia, ou chorava muito. Por estes motivos tive muitas faltas no decorrer de meu primeiro ano letivo e justamente em uma de minhas ausências a professora ensinou a letra inicial de meu nome. Foi uma decepção que marcou minha vida escolar.

Mas, o tempo foi passando e enquanto aluna apesar de ter repetido a primeira série, sempre tive ótimas notas e comportamento exemplar. No último dia em que freqüentei esta escola, recordo-me que fui para casa em uma bicicleta branca, pensando: “um dia eu ainda volto pra esta escola, mas como professora”.

Continuei meus estudos em outra escola estadual, situada também no município de Três Cachoeiras. Foi uma readaptação escolar difícil, pois, é uma escola grande com quase mil alunos e eu me sentia sozinha em meio a tantos colegas “desconhecidos”.

Outro fator que colaborou para esta difícil readaptação foram as aulas de Inglês. Logo, na primeira aula que freqüentei na sexta série a professora pediu para que eu fizesse (assim como os demais colegas) a tradução de um pequeno texto de inglês para português. Algo fácil para os colegas que já tinham aulas de inglês nesta mesma escola em séries anteriores, mas no meu caso não sabia nem se quer utilizar o dicionário de inglês.

Ainda nesta mesma série descrita no parágrafo anterior tive outra experiência que marcou-me enquanto aluna. Uma professora de Língua Portuguesa que acabara de chegar de outra cidade para morar e trabalhar em Três Cachoeiras pediu-me para ler em voz alta minha redação sobre as férias. Relatei na mesma que no verão no período de férias fui à praia e passei nos “combros” de areia. Ao ouvir a palavra “combros” a professora soltou uma gargalhada, mostrando desconhecer a palavra usada em nossa cidade para designar “dunas de areia” e me disse que esta palavra não existia. A partir deste dia eu me negava todas as vezes que um professor pedia-me para ler minhas redações em voz alta.

Realizei o curso de Magistério também nesta escola. Tendo como uma das principais aprendizagens que nós professores devemos sempre respeitar, conhecer e partir da realidade de nossos alunos. E então me questionava lembrando fatos como “as aulas de Inglês e a redação de feiras”: quais as conseqüências para a vida escolar de um aluno quando o professor não leva em consideração sua realidade de aluno?

Obviamente, tinha as minhas respostas por ter passado pelas experiências citadas acima, mas sabia que dependendo da realidade de cada aluno as conseqüências poderiam ser outras, como presenciei acontecer com colegas de classe que acabaram evadindo da escola, pelo fato de atrasarem seus trabalhos escolares por terem que ajudar seus pais no trabalho ou pelo difícil acesso à escola em dias de chuva ou períodos inversos para estudos na biblioteca.

Segui minha trajetória como professora de séries iniciais embasada nesta concepção de realidade do aluno, até o momento em que iniciei meu estágio curricular, onde o trabalho com Projetos de Aprendizagem conforme descreverei no capítulo 4 proporcionou-me uma nova visão sobre o tema pesquisado no presente trabalho.

3.1 A escola onde desenvolvi o estágio curricular

Durante o oitavo semestre Curso de Graduação em Pedagogia-Licenciatura Modalidade a Distância da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, realizei meu estágio curricular no período de doze de abril a quinze de junho de dois mil e dez, perfazendo um total de cento e oitenta e quatro horas aula na mesma escola estadual de ensino fundamental onde iniciei minha trajetória escolar enquanto aluna. Um sonho se concretizava: voltei à mesma escola, mas agora como professora.

A escola apresenta ótima estrutura física (Apêndice 1) possibilitando que sejam desenvolvidas atividades como brincadeiras no pátio, lanches no refeitório e salas de aula bem conservadas, organizadas e espaçosas.

No que se refere a recursos didáticos (Apêndice 2) a escola também apresenta boas condições, embora não conte ainda com o uso de computadores disponíveis aos alunos, pois, os dois computadores que a escola possui são de uso exclusivo da secretaria, utilizados de preferência para o programa “Nota Solidária”, conectados a Internet discada.

Quando os professores realizam alguma atividade que envolva o uso de computadores e Internet dispõem-se a levar os alunos até a secretaria, a casa de um docente mais próximo da escola ou levar seu próprio computador para a sala de aula.

Na biblioteca da escola estão a disposição livros de literatura infantil, livros didáticos distribuídos entre os temas de Geografia, História, Linguagem, Matemática, Estudos Sociais e enciclopédias. Não há registros de quantos livros existem para cada tema.

A retirada de livros da biblioteca é realizada uma vez por semana pelos alunos. Para que cada criança possa retirar um novo livro é necessário estar em dia com a entrega do último livro que retirou.

O sistema de avaliação é considerado prática diagnóstica e contínua. Realizada trimestralmente e por meio de parecer descritivo (exemplo em anexo1). Para tanto, os alunos são observados diariamente em sala de aula quanto ao seu desempenho individual e coletivo.

O corpo docente é formado por quatro professores que atendem um corpo discente de cinquenta e quatro alunos divididos em turmas de: pré-escolar e primeiro ano (multiseriadas), segundo ano, terceiro ano, quarta série e quinta série (multiseriadas). A escola conta ainda com duas serventes, uma secretária e uma diretora.

O horário de funcionamento no turno da manhã inicia-se às oito horas às onze horas e cinquenta minutos, para as turmas de segundo, terceiro, quarto e quinto anos. No turno da tarde a aula inicia-se às treze horas e quinze minutos às dezessete horas e cinco minutos para pré escolar e primeiro ano.

3.2 A turma em que desenvolvi o estágio curricular

A turma de Primeiro Ano na qual desenvolvi meu estágio (Apêndice 3) é composta por oito alunos, quatro meninos e quatro meninas. A faixa etária é de seis anos, sendo que não há alunos repetentes ou com necessidades especiais.

Os pais dos alunos (Apêndice 4) demonstram muito interesse em saber como seu filho(a) vem se desenvolvendo e se comportando no ambiente escolar. Percebi isso desde o primeiro dia de aula, quando as mães acompanhavam as crianças até a escola e me questionavam, como, por exemplo:

-Como está a M.? Ela te entregou o tema de casa?

-Como K. esta se comportando? Ele conversa muito? Deve-te “encher” de perguntas.

Os pais pouco visitavam a escola devido ao trabalho fora de casa. As mães por serem do lar se faziam mais presentes. Mas, as decisões e conversas sobre seus filhos não eram tomadas somente pelas mães, por exemplo: ao mandar um bilhete para casa pedindo autorização para um passeio fora da escola a decisão era tomada em conjunto pelo pai e pela mãe, isso ficava bastante evidente na assinatura de autorizações. Outro exemplo que posso citar é com relação a autorização para publicação de fotos das crianças em meu pbwork de estágio. Das oito mães na qual eu conversei pessoalmente explicando onde as fotos iriam ser publicadas e de que forma (em ambiente privado onde somente eu e meus professores teríamos acesso) apenas duas concordaram em autorizar sem antes discutir em casa com os pais.

A turma era calma, tendo como um dos fatores o pequeno número de alunos, por exemplo, na hora da roda (momento inicial da aula reservado para contar e/ou ouvir histórias e novidades, cantigas de roda, fazer orações, realizar brincadeiras) todos se concentravam nas atividades ou esperavam, por exemplo, sua vez de falar.

A característica mais marcante da turma sem dúvida era a curiosidade (os exemplos são bastante evidentes e seguem no decorrer do capítulo 4). Mas, quando iniciei meu estágio docente tenho plena consciência de que não deixei espaço para que as crianças pudessem questionar, expor suas curiosidades, conforme descreverei no item 3.3. Hoje, quando volto a pensar nas atividades que desenvolvi neste período inicial sinto-me triste, com a sensação de ter “perdido tempo” e de ter proporcionado situações semelhantes a que sentia quando queria aprender a letra inicial de meu nome e minha professora determinava quais as letras que seriam “ensinadas” (como já relatei anteriormente).

3.3 O início do estágio curricular

No início de meu estágio optei pela Arquitetura de Aprendizagem Incidente conforme descrevi em minha Arquitetura Pedagógica (Apêndice 5). Escolhi a proposta da trilha virtual (um dos exemplos de atividades que poderiam ser utilizadas nesta metodologia), pois, desejava trabalhar na escola com o uso do computador, tendo como objetivo propiciar aos meus alunos o contato direto com esta ferramenta tão utilizada na sociedade hoje e ainda distante da realidade da sala de aula. Estava bastante apreensiva com a questão do uso do computador em minha sala de aula, pois, como descrevi anteriormente não havia computadores disponíveis para utilização com alunos. A solução que encontrei foi levar todos os dias meu computador para minha sala de aula, e assim fiz durante todo meu estágio.

Criei desafios para esta trilha (como por exemplo: conhecer o computador, criar um computador de sucata, construir um blog coletivo, entre outros que seriam construídos no decorrer do estágio). Entretanto, estes eram previamente construídos por mim e então me questionei: Estou verdadeiramente dentro da proposta de uma trilha virtual? Onde estão os interesses da turma, se planejo as aulas sem a participação ativa das crianças? Afinal, o querem aprender meus alunos? Quais são suas dúvidas ou interesses?

Percebi que faltava algo de inovador na minha prática docente. Da forma como estava trabalhando meus alunos não estavam construindo, apenas seguindo modelos que eu apresentava a eles. As aulas eram monótonas, pois, eu determinava os conteúdos imaginando que estes partiam da realidade de meus alunos, conforme comentei no capítulo 1.

A maior dificuldade que encontrei se fazia presente no momento em que eu refletia sobre a aula ao final da tarde quando chegava em casa e não encontrava exemplos significativos para registrar e mostrar que meus alunos questionaram, construíram algo novo, criaram suas hipóteses. Por exemplo, na primeira aula que desenvolvi os alunos reconstituíram oralmente a história: Elefantinho no poço observando as gravuras do livro e realizando comentários sobre a mesma. Fiz alguns questionamentos incluindo a ordem dos fatos, a seqüência em que os animais aparecem na história. E então me questiono: o que há de inovador nesta aula? O que meus alunos construíram? Qual minha concepção de realidade do aluno frente as aulas que vinha desenvolvendo no período inicial de meu estágio curricular?

Para planejar as aulas também encontrei dificuldades. Tinha a intenção de levar em consideração a realidade do aluno segundo a concepção que eu tinha. Cabe aqui lembrar que realidade do aluno em meu ponto de vista significava apenas *o meio onde o aluno está inserido, como a família, a comunidade, suas condições financeiras*. Por isso, preocupava-me em realizar atividades que valorizassem o meio onde as crianças estavam inseridas, como por exemplo, a proposta de construção de uma maquete das casas dos alunos e sua respectiva localização na comunidade onde vivem. Lembro-me que nesta aula questionei os alunos a respeito da localização de suas casas na comunidade, explorando noções de perto, longe, maior e menor. Mas, as respostas das crianças não me diziam nada além de que minhas aulas precisavam de inovações, de algo que realmente motivasse as crianças e eu também.

Sempre acreditei que as crianças por si só já são pequenos pesquisadores que experimentam e buscam respostas para muitas de suas perguntas, constroem e reconstróem hipóteses sobre a vida e nós adultos muitas vezes sem perceber entregamos respostas certas, verdades que acreditamos serem absolutas, sem que as deixarmos que exercitem seu pensamento e acreditem em seu potencial. E isso era exatamente o que estava acontecendo em minhas aulas,

eu acreditava no potencial das crianças, mas não criava meios para que as mesmas pudessem provar esta certeza que eu tinha.

Após os questionamentos da professora Marie Jane Carvalho sobre os relatos diários de minhas aulas em meu pbwork de estágio, tive certeza de que era preciso inovar, apostar em uma metodologia desafiadora. Foi neste momento que resolvi trabalhar com Projetos de Aprendizagem em minha sala de aula. Senti-me insegura, pois, o que é novo às vezes me assusta, embora não me impeça de experimentar.

Imaginava que eu teria muitos desafios aplicando o trabalho com Projetos de Aprendizagem, como por exemplo, conquistar a confiança de pais e demais educadores da escola, partir de um conteúdo que meus alunos iriam escolher, além disso, me questionava a respeito de como alunos em processo de alfabetização iriam realizar pesquisas?

Só não pensava que o trabalho com Projetos de Aprendizagem proporcionaria mudanças na minha concepção de realidade do aluno, conforme descreverei mais detalhadamente no capítulo 4.

Foram os caminhos percorridos através do trabalho com Projetos de Aprendizagem em meu estágio curricular que me proporcionaram a coleta de dados utilizados no presente trabalho.

Para tornar ainda mais concreta a pesquisa sobre realidade do aluno apliquei um pequeno questionário (Apêndice 6) com quinze alunas do segundo ano do Magistério, professoras da rede pública e também professoras aposentadas (ambas do município de Três Cachoeiras) totalizando trinta e seis questionários respondidos com a finalidade de me auxiliar na reflexão sobre realidade do aluno. Além deste objetivo, tive curiosidade em saber o que pensam meus colegas professores nas escolas onde atuo sobre o que é realidade do aluno?

Com as informações dos questionários respondidos, coleta de dados registrados durante meu estágio curricular e embasamento teórico discutido no capítulo 2, iniciei minha análise sobre realidade do aluno e discutirei nas próximas seções os resultados encontrados nos caminhos percorridos possibilitando a construção do presente Trabalho de Conclusão de Curso.

4 REALIDADE: UM CONCEITO TÃO OBVIO QUANTO PARECE?

Sempre que refletia sobre realidade do aluno, o fato predominante em meu pensamento era sobre minha realidade enquanto aluna do PEAD. Por vezes, pedi aos meus professores que entendessem minha realidade de aluna, justificando alguns “atrasos” em postagens levando em consideração a realidade na qual me encontrava, como por exemplo: inexperiência para utilizar o computador, o difícil acesso ao pólo e a internet inacessível em minha casa. Percebi ao longo deste curso o comprometimento de meus professores que procuraram sempre “entender”, conhecer a realidade do entorno social onde vivo, levando em consideração algumas diferenças, principalmente com relação a conexão e o acesso à web.

Segundo meu entendimento inicial sobre o que é realidade do aluno, conceituando-a como o meio onde o aluno está inserido, tinha a convicção de que minha experiência no curso enquanto aluna do PEAD era um exemplo concreto de realidade do aluno.

Ao pensar em realidade de meus alunos não era diferente, logo transportava-me diretamente ao meio social onde eles viviam, como já relatei anteriormente. Ao refletir sobre este ponto de vista surgiram algumas dúvidas e entre elas uma que resolvi investigar brevemente: o que pensam meus colegas professores nas escolas onde atuo sobre o que é realidade do aluno? Também tive curiosidade em saber o que pensam alguns professores aposentados que eu conheço sobre realidade do aluno. Será que estes possuem uma visão de realidade do aluno hoje diferenciada da que tinham antigamente quando ainda estavam em sala de aula?

E as alunas de Magistério que eu conheço, também compartilham desta mesma visão de realidade do aluno ou sua formação até o momento permite visualizar outros pontos de vista sobre o tema?

Para minha surpresa a grande maioria das respostas condiz diretamente com a realidade relacionada ao meio social onde vivem os alunos. Posso afirmar que fiquei impressionada com as respostas, pois, quando percebi que realidade do aluno não pode ser simplesmente tratada como o meio social onde o aluno está inserido, me senti completamente desatualizada, como se eu estivesse parada no tempo, sem levantar qualquer questionamento

sobre o tema durante muitos anos. Então, julgava que os outros professores que conheço já haviam percebido este fato muito antes que eu, mas ao contrário, a maior parte deles adormeceram em sua certeza absoluta sobre o que é realidade do aluno.

Nos próximos parágrafos apresentarei os resultados da pesquisa realizada entre trinta e seis professores que conheço tendo como base a entrevista já relatada no capítulo anterior.

Quanto aos nove professores aposentados (Apêndice 7) em idade entre 60 e 75 anos percebi que o tema realidade do aluno raramente era discutido entre eles, tampouco questionado. Também observei que o aluno era tratado como um ser passivo, não tendo oportunidade de expressar suas idéias. Afirmações que se concretizam nas falas das professoras, como por exemplo:

-Agora tu me pegaste de surpresa, eu trabalhava a realidade, mas não pensava sobre o que ela é. Mas, acho que é onde o aluno vive. (professora B./63anos).

-A criança (aluno) é um ser frágil, que temos que cuidar, amar e educar. Pra isso temos que conhecer sua realidade, a sua família, a sua casa. (professora D./75 anos).

-Realidade do aluno é uma pergunta difícil (precisa de um tempo para pensar). Eu penso trabalhar o meio onde ele vive, o que está ao seu redor, suas condições. (professora M./60 anos).

-A realidade do aluno é algo que temos que conhecer bem, principalmente a família. Por exemplo: se um aluno é agressivo na escola, pode ser porque em casa ele vive em um ambiente agressivo, entende?A realidade do aluno justifica seu comportamento na escola. Acho que a escola deveria na ficha de matrícula realizar entrevistas com os pais para conhecer bem a realidade de cada aluno. (professora E./66 anos).

Em relação aos dados levantados nas entrevistas entre as dez alunas do segundo ano de Magistério (Apêndice 8) em idade entre 14 e 16 anos de uma escola estadual, o resultado sobre o conceito de realidade do aluno também aponta diretamente para o meio social onde o aluno vive, como se pode perceber nas falas transcritas abaixo:

-Realidade do aluno é onde ele vive. (aluna C).

-A realidade é o que o aluno vive na sua casa, na família. (aluna I).

-Esta pergunta é muito difícil, já conversei com minhas colegas e elas também acharam isso. Mas são as dificuldades e diferenças (se refere a diferenças socioeconômicas) que os alunos têm que enfrentar todos os dias. (aluna J).

Nas entrevistas com professoras que estão atuando em sala de aula percebi que as mesmas não tiveram dificuldades para conceituar realidade do aluno. Das dezessete docentes entrevistadas (Apêndice 9) constatei que quinze delas relacionam o conceito de realidade do

aluno unicamente com o meio onde o mesmo está inserido. Apenas duas professoras apresentaram respostas que indicam que a realidade do aluno não é somente o meio onde ele vive, mas também seus interesses que são influenciados pelas informações que ele recebe. Segundo elas estas informações são difundidas principalmente pelo acesso a televisão e ou à internet.

Com o resultado destas entrevistas surgiu uma nova dúvida: o que nos leva a relacionar tão diretamente a realidade do aluno à sua realidade imediata, a do meio social onde vive? Outro fator que me surpreendeu desencadeando uma nova questão está diretamente relacionado com o tempo de Magistério que cada professor possui. A maioria das respostas caminha no mesmo sentido independentemente do tempo de experiência de cada docente. Isso aponta para uma conclusão: a falta de questionamento sobre conceitos rotineiros sob o qual julgamos ter domínio absoluto. E então surge uma nova dúvida: por que deixamos de questionar o que nos parece tão óbvio?

Estamos habituados com a realidade cotidiana, logo procuramos entender fatos ou conceitos a partir daquilo que nos é mais conhecido, vivenciado todos os dias. Este setor da realidade é também chamado de não problemático. (DUARTE 2006). Não é problemático porque pensamos ter domínio dos conhecimentos que dispomos sobre ela, o que nos leva a deixar de questionar acontecimentos ou conceitos relacionados à realidade imediata. Por exemplo: todos os dias acordo pela manhã, após tomar café e me arrumar, mecanicamente, pego minha bicicleta e me dirijo até a escola, mas se por ventura o pneu da bicicleta estiver vazio, tenho que me desacomodar e pensar em uma outra solução para chegar a tempo ao trabalho. Posso ligar para uma colega e pedir carona ou utilizar outro meio de transporte. Neste sentido minha atividade rotineira deixa de ser não problemática para se tornar problemática, ou seja, tive que refletir em minha rotina diária.

Com o passar do tempo, com as experiências adquiridas durante meu estágio curricular e com os questionamentos da professora Marie Jane Carvalho sobre o que é realidade do aluno, fato semelhante aconteceu: tive que me desacomodar, refletir sobre minha concepção de realidade do aluno, pois, percebi que a ideia que fundamentava meu modo de pensar sobre este conceito era muito restrita, superficial e apoiada em certezas não tão certas quanto eu pensava, ou seja, problematizei minha realidade cotidiana enquanto professora duvidando de minhas certezas sobre o tema do presente trabalho. É sobre este percurso de desacomodação que tratarei no capítulo 5.

4.1 Novas experiências desestabilizam velhas crenças

Antes de tratar no próximo capítulo do percurso de desacomodação considero necessário expor aqui exemplos concretos extraídos de meu estágio curricular que possibilitaram problematizar meu conceito inicial sobre realidade do aluno.

Recordo-me de uma das primeiras atividades relacionadas ao meu estágio curricular oferecida pela Interdisciplina Seminário integrador VIII, onde cada professor estagiário deveria escrever sobre seus alunos e o espaço social na qual estavam inseridos (Apêndices 1, 2, 3, 4). Ao meu entender, quando realizei esta etapa estava mapeando a realidade de meus alunos, relatando aspectos como ambiente familiar, os recursos de que a escola disponibilizava, a influência do meio rural na qual faziam parte.

Diante desta realidade previamente levantada pensei estar com requisitos necessários para planejar minhas aulas, pois, desde muito tempo aprendi que os planejamentos devem partir da realidade dos educandos como já relatei anteriormente. Mas que realidade seria esta? Infelizmente em primeiro instante a que eu imaginava ser a de meus alunos, por isso, planejei aulas que incorporaram conteúdos como diferença entre o meio rural e urbano, localização espacial. Todos os alunos realizaram as atividades com organização e capricho, mas faltaram motivação e criações autônomas (exemplo em apêndice 10). Questionei-me a respeito do que fazer, como possibilitar aulas mais interessantes e que meus alunos pudessem participar ativamente e não apenas “reproduzindo modelos”?

Tomei coragem e resolvi apostar em algo novo, em experimentar a Arquitetura Pedagógica dos Projetos de Aprendizagem. Mas, logo na primeira atividade relacionada ao trabalho com Projeto de Aprendizagem, entrei em conflito novamente sobre minha concepção de realidade do aluno, pois, meus alunos optaram por estudar os vulcões, mais precisamente: Como nascem os vulcões? Em decorrência deste fato, muito angustiada refleti: Como meus alunos escolheram um tema tão distante da sua realidade? Como pesquisaremos vulcões que só existem em outros países? O que terei de “concreto” a respeito deste tema para trabalhar em sala de aula?

Não sabia ao certo o que fazer, mas tinha certeza de que deveria seguir em frente com o Projeto de Aprendizagem, porque nunca havia sentido tanto interesse, empolgação por parte de meus alunos. Por exemplo: na aula de vinte de abril de dois mil e dez ao revelar aos alunos que iríamos trabalhar com curiosidades, com assuntos que eles desejavam saber, sem que eu abrisse espaço já surgiram as primeiras perguntas relacionadas aos astronautas e foguetes. A

impressão que tive foi de que havia se rompido uma grande barreira que abriria caminhos a experiências nunca antes vividas em minha vida docente.

Apesar de pensar que meus alunos escolheram um tema que não fazia parte ou era muito distante da realidade deles, prossegui a aula seguinte realizando o levantamento de certezas provisórias. Neste dia estabelecemos um debate e descobri que a curiosidade sobre vulcões era advinda de reportagens na televisão sobre o vulcão Eyjafjallajokull na Europa.

Meus alunos foram capazes de estabelecer as certezas provisórias e dúvidas temporárias (Apêndice 11) e ainda assim eu continuava pensando: o que os levou a questionar uma realidade tão distante? Pois, o simples fato de saber que em nosso país não existem vulcões bastava para que eu afirmasse que o assunto dos vulcões não fazia parte da realidade de meus alunos.

No decorrer do trabalho com o Projeto de Aprendizagem (Como nascem os vulcões?), outras evidências de que o assunto fazia parte da realidade das crianças foram surgindo como, por exemplo, o dia em que uma aluna trouxe de casa em sua caderneta uma pequena anotação sobre rochas ígneas (ANEXO 2), dizendo que havia escutado uma reportagem sobre os vulcões na televisão. Aos poucos minha concepção de realidade do aluno antes vista apenas como o meio onde o aluno está inserido, mais precisamente sua família e comunidade foi se transformando.

Outro fato marcante que contribuiu para a formação desta nova visão foi o dia em que eu descobri que no Brasil já existiram vulcões, e que um município que fica próximo de Três Cachoeiras possui formações rochosas advindas de vulcões. Ainda assim, lembro-me que comentei com a professora Marie Jane Carvalho na visita que realizou em minha sala de aula que nós começamos nosso Projeto de Aprendizagem sobre os vulcões partindo de uma realidade muito distante, ou seja, na Islândia e acabamos descobrindo formações vulcânicas em um município tão próximo de nossa escola.

Nesta conversa comentamos ainda que o que “*está na mídia*” faz parte da realidade das crianças. Refletindo sobre este diálogo e tentando responder o questionamento da professora Marie Jane sobre o que é realidade do aluno - pergunta que de início não me preocupei em respondê-la para apresentá-la em meu relatório de estágio por considerá-la muito óbvia - percebi que a realidade do aluno pode ser considerada sob três ângulos apresentados no esquema a seguir:



Em primeiro lugar abri espaço para a primeira concepção que tinha sobre realidade do aluno: o meio onde ele está inserido, aqui tratada por DUARTE (2006) como a realidade cotidiana ou realidade por excelência. Considerando a importância de conhecê-la como me referi no primeiro capítulo onde apresentei exemplos enquanto aluna do PEAD, ou ainda nos exemplos das aulas de Inglês ou Português.

Em segundo lugar me referi a realidade do aluno vinculada aos meios de comunicação amplamente divulgados hoje em dia, mais precisamente a televisão, pois é o meio que meus alunos mais têm acesso. Sendo que por meio dela surgiu a pergunta desencadeadora de nosso Projeto de Aprendizagem sobre os vulcões.

Em terceiro lugar tratei da realidade concreta, exemplificando com a impossibilidade de trabalharmos com materiais concretos no trabalho com vulcões, o que DUARTE (2006) chama de realidade distante. A que não nos é tocável, mas que chega até nos através da palavra, da linguagem.

Diante das discussões realizadas até o momento sobre realidade do aluno, sinto a necessidade de conceituá-la, de obter a resposta para a pergunta desencadeadora do presente trabalho. Para tanto é necessário considerar que o tema realidade é um conceito complexo, que depende como afirma DUARTE (2006) do ponto de vista de cada pessoa. Portanto, é como aluna do PEAD UFRGS e professora de séries iniciais que defendo a realidade do aluno

como: tudo o que faz parte de sua linguagem, de seu vocabulário, pois, o mundo em que vivemos é significado através da palavra.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: DESACOMODAR É ESSENCIAL

Para dar continuidade ao meu estágio curricular desacomodei meu modo de pensar e passei a duvidar de minha própria certeza sobre o conceito de realidade do aluno assim que iniciei o trabalho com Projetos de Aprendizagem, pois, logo na primeira aula em que propus o trabalho com esta metodologia, deparei-me com questionamentos advindos dos alunos que não condiziam com a visão que possuía sobre realidade do aluno. Como introduzir em minha velha crença sobre realidade do aluno curiosidades que geraram perguntas tais como:

- Por que é que o tubarão tem uma barbatana nas costas?
- Como se cria uma explosão dentro do espaço?
- Como nasce um vulcão?

Questionar em meu ponto de vista é sinônimo de desacomodar. Quem tem o hábito de fazer perguntas busca desacomodar. Posso me questionar e me desacomodar, assim como posso fazer perguntas às outras pessoas as desacomodar.

De início quando confrontei minha idéia inicial sobre a realidade do aluno com o conceito sobre a mesma adquirido após o estágio conforme já relatado anteriormente neste documento pensei: por que deixamos de nos questionar sobre conceitos que nos parecem tão óbvios?

A resposta é simples: acomodamos-nos habituados na busca por respostas prontas. Como tentei fazer quando pela primeira vez pesquisei sobre o termo realidade do aluno. Na verdade queria que alguém já tivesse respondido esta questão, e pior ainda, desejava que a mesma resposta servisse para minha pergunta. Trago aqui o exemplo das entrevistas realizadas com professores que conheço, pensei que ao entrevista-los talvez conseguisse uma resposta que me satisfizesse. Ao contrário, me senti ainda mais angustiada por perceber que a maioria deles não se questiona sobre este conceito tão presente na vida docente.

Quatro destes docentes entrevistados já foram meus professores, lembro que estes me ensinaram no Magistério que devemos sempre partir da realidade do aluno, daquilo que ele já sabe para posteriormente inserirmos novas realidades, mas nenhum deles algum dia me questionou sobre o que é realidade do aluno.

Então, baseada em uma resposta de senso comum de que realidade do aluno é o meio onde ele está inserido procurei desenvolver meu estágio curricular, momento em que deparei-me justamente com uma resposta contrária: meus alunos quiseram saber como nascem os vulcões, algo que eu julgava não fazer parte da realidade deles, pois, o meio onde estão inseridos não possui vulcões.

Até o momento em que percebi que a realidade do aluno é o que faz parte de sua linguagem, foi uma longa caminhada como já descrevi nos capítulos anteriores. Mas, não posso dizer que me envergonho de por muitos anos ter tido esta “precária” visão de realidade do aluno apenas como o meio na qual ele está inserido. Teria, sim, motivos para me envergonhar se este questionamento (o que é realidade do aluno?) nunca tivesse feito parte de minha vida como aluna e como professora.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. *O que é realidade*. São Paulo: Brasiliense, 2006. 103 p.8

FAGUNDES, L.C., Sato, L.S. & Maçada, D. L. Aprendizes do futuro: as inovações começaram. Coleção Informática para a Mudança na Educação. ProInfo-MEC, 1999. Disponível em: <<http://mathematikos.psico.ufrgs.br/textos.html>>. Acesso em: 10/10/2010.

ANEXOS

ANEXO 1

ESCOLA

LAJEADINHO – TRÊS CACHOEIRAS – RS

ALUNO (A): B.

ANO: 1º ANO

TURNO: TARDE

ANO: 2010

PROFESSORA:

DIRETORA:

PARECER DESCRITIVO DO 1º TRIMESTRE

O ALUNO **B.** É INTERESSADO, PARTICIPATIVO E DEDICADO. DEMONSTRA ATITUDES DE RESPEITO, SOLIDARIEDADE E CARINHO PARA COM TODAS AS PESSOAS COM QUEM CONVIVE NA ESCOLA, ESPECIALMENTE SEUS COLEGAS QUANDO NECESSITAM DE AJUDA.

DEMONSTRA FACILIDADE EM APRENDER E AUTONOMIA PARA REALIZAR AS ATIVIDADES, EXECUTANDO-AS COM PRAZER E CAPRICHOS.

ESTÁ ALFABETIZADO E ISSO É UMA GRANDE ALEGRIA! SEUS TEXTOS VÃO SE AMPLIANDO A CADA DIA E AS DIFICULDADES RELACIONADAS À ESCRITA VÃO SENDO SUPERADAS COM O INCENTIVO A LEITURA E O CONTATO COM OUTRAS FORMAS DE ESCRITA, O QUE JÁ VEM SENDO PRATICADO DESDE O INÍCIO DO ANO.

SUA LEITURA VEM SE DESENVOLVENDO MUITO BEM E É AGRADÁVEL PERCEBER QUE TEM COMPREENSÃO DO QUE LÊ. ALÉM DISSO, INTERPRETA TEXTOS ATRAVÉS DE DESENHOS E DETECTA ORALMENTE INFORMAÇÕES DE HISTÓRIAS CONTADAS.

CONSTRÓI RELAÇÕES MATEMÁTICAS, SISTEMATIZANDO COM CLAREZA O QUE FOI PROPOSTO. REALIZA OPERAÇÕES SIMPLES DE ADIÇÃO E SUBTRAÇÃO COM O AUXÍLIO DE MATERIAL CONCRETO E MENTALMENTE OPERAÇÕES COM NÚMEROS ATÉ 10. RECONHECE A DEZENA COMO AGRUPAMENTO DE 10 UNIDADES.

É RESPONSÁVEL PELO TEMA DE CASA, CONCENTRADO NAS ATIVIDADES EM SALA DE AULA, COLABORA NAS RODAS DE CONVERSA E MOMENTOS DE LEITURA, EXPRESSANDO SUA OPINIÃO E QUESTIONANDO SEMPRE QUE TEM DÚVIDAS. SEU ENVOLVIMENTO COM O PROJETO DE APRENDIZAGEM SOBRE OS VULCÕES FOI SURPREENDENTE E SUAS IDEIAS E CURIOSIDADES, FUNDAMENTAIS PARA O SUCESSO DE SUA APRENDIZAGEM E DOS COLEGAS.

É CAPAZ DE FORMULAR HIPÓTESES DIANTE DE VÁRIAS ÁREAS DO CONHECIMENTO, E DIANTE DA LEITURA OU AUDIÇÃO DE ALGO REFERENTE A ESTAS IDEIAS, CONSEGUE ESTABELECEER RELAÇÕES, CONSTRUINDO RESPOSTAS COERENTES COM O DESEJADO.

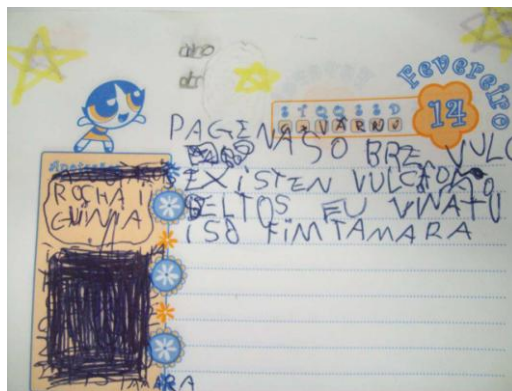
A CADA DIA QUE PASSA ME SURPREENDE MAIS! VIBRO COM SEU SUCESSO!

PRESENÇAS: 64

FALTAS: 3

ANEXO 2

ANOTAÇÃO FEITA PELA ALUNA T. DEPOIS DE TER ASSISTIDO EM SUA CASA
UMA REPORTAGEM SOBRE VULCÕES:



APÊNDICES

APÊNDICE 1

TABELA DA ESTRUTURA FÍSICA DA ESCOLA NA QUAL DESENVOLVI MEU ESTÁGIO CURRICULAR:

Descrição	Quantidade
Banheiros	4
Biblioteca	1
Campo de futebol	1
Campo de vôlei	1
Depósito	1
Horta	1
Play ground Salas de aula	1
Refeitório	1
Sala da direção	1
Salas de aula	5

APÊNDICE 2

TABELA DE RECURSOS DIDÁTICOS DA ESCOLA NA QUAL DESENVOLVI MEU ESTÁGIO CURRICULAR:

Descrição	Quantidade
Aparelho de DVD	1
Aparelho de som com CD	1
Computador	2
Copiadora	1
Fax	1
Impressora	2
Televisão	2

APÊNDICE 3

TABELA DOS ALUNOS DA TURMA DE PRIMEIRO ANO NA QUAL DESENVOLVI O ESTÁGIO CURRICULAR:

Aluno	Data de nascimento	Com quem mora	Características marcantes
B	29/04/2003	Pai, mãe e irmão	Muito atencioso (é quase sempre o primeiro a ouvir um chamado, por exemplo), caprichoso (mantém seu material em ordem, é detalhista, pinta utilizando muitas cores) e rápido no desenvolvimento de atividades.
D	14/01/2004	Pai, mãe e irmã	Calmo (não discute com os colegas, prefere ouvi-los), obediente e um pouco lento no desenvolvimento de atividades.
K	30/08/2003	Pai e mãe	Caprichosa (utiliza muitas cores em seus desenhos, recorta bem...), atenciosa e gosta muito de ajudar os colegas (sempre que termina sua atividade primeiro ajuda um colega que ainda não acabou o

			trabalho).
K	21/06/2003	Pai, mãe e irmão	Alegre, gosta de compartilhar descobertas, contar novidades e adora brincar de astronauta. É muito curioso, faz muitas perguntas.
L	06/01/2004	Pai, mãe e irmão	Um pouco envergonhada, caprichosa (quando a atividade é de seu interesse como por exemplo um desenho para colorir) e de personalidade forte por isso as vezes um pouco teimosa.
M	13/01/2004	Pai e mãe	Muito expressiva (conversa ou narra histórias com gestos e expressões faciais cativantes) e criativa na hora de contar histórias.
N	21/02/2004	Pai e mãe	Relação de dependência com a mãe ainda não fica sozinho na escola, adora contar novidades.
T	06/08/2003	Pai, mãe e irmãos	Muito caprichosa (principalmente nos desenhos e recortes), atenciosa e prestativa (gosta muito de ajudar os colegas ou professoras).

APÊNDICE 4

TABELA CONTENDO A ESCOLARIDADE E PROFISSÃO DOS PAIS DA TURMA DE PRIMEIRO ANO ONDE DESENVOLVI O ESTÁGIO CURRICULAR

Aluno	Escolaridade do pai	Escolaridade da mãe	Ocupação do pai	Ocupação da mãe
B	1° a 8° séries	1° a 8° séries	Agricultor	Do lar
D	1° a 8° séries	1° a 8° séries	Motorista	Do lar
K	1° a 8° séries	Ensino médio	Pedreiro	Do lar
K	1° a 8° séries	Ensino médio	Caminhoneiro	Agricultora
L	1° a 8° séries	1° a 8° séries	Caminhoneiro	Do lar
M	1° a 8° séries	1° a 8° séries	Frentista	Do lar
N	1° a 8° séries	1° a 8° séries	Empresário	Do lar
T	1° a 8° séries	1° a 8° séries	Pedreiro	Do lar

APÊNDICE 5

ARQUITETURA PEDAGÓGICA ESCOLHIDA PARA DESENVOLVER MEU ESTÁGIO CURRICULAR

De início pensei em trabalhar com as crianças a Arquitetura de Projetos de Aprendizagem, mas ao analisar a proposta discutida no texto "Arquiteturas Pedagógicas para Educação à Distância" me intimidei pensando como seria trabalhar com PAs com crianças que ainda estão em fase de alfabetização. Várias dúvidas surgiram como, por exemplo: como as crianças irão realizar pesquisas?

Passei então ao estudo de outras arquiteturas pedagógicas e entre elas selecionei a Arquitetura de Aprendizagem Incidente. Mas na realidade o que chamou a atenção (não só minha, mas do grupo de estudos que se reuniu para análise deste texto) foi apenas um exemplo de atividade que poderia ser proposta dentro desta abordagem: A trilha virtual.

A partir deste ponto me entusiasmei em formar uma trilha em que pudesse trazer a tecnologia para nossa escola, algo novo para meus alunos.

Refleti bastante sobre a afirmação do texto citado acima: "A chave do aprendizado incidente é descobrir atividades que sejam intrinsecamente divertidas de se realizar com software educacional e com a Internet." E então criei um esboço de minha trilha virtual com desafios:

-Primeiro desafio- Conhecer o computador (criar pequenas noções sobre o editor de texto, mouse, paint, nomear as partes de um computador...)

-Segundo desafio- Criar um computador de sucata

-Terceiro desafio- Criar um blog coletivo para que pudéssemos publicar as descobertas da turma, os trabalhos, o que vem aprendendo durante o estágio

-Quarto desafio- Criação de email coletivo para que pudéssemos trocar correspondências com alunos de outra escola

Pretendia criar novos desafios conforme seriam sendo alcançados estes objetivos. Mas o problema é que nossa escola possui apenas um computador na secretária .E então pensei: como superar este obstáculo?

A solução que encontrei foi levar o meu notebook e minha internet para minha sala de aula. Quando me dispus a fazer isto pensei em todas as dificuldades com relação ao uso do computador que encontrei enquanto aluna no PEAD, já que não tinha a menor noção de como trabalhar com esta ferramenta e ainda assim cursei até o terceiro semestre sem computador e até o sétimo semestre sem internet. Confesso que foi muito difícil e queria que meus alunos tivessem oportunidade de desde já de irem se familiarizando com as TICs na educação para que futuramente não encontrassem tantos obstáculos como eu encontrei.

A trilha na realidade não seria virtual e sim um painel exposto na sala de aula com uma estrada com placas (desafios) e um carrinho que passaria pelos desafios conforme fossem sendo alcançados.

Mas depois do primeiro e do segundo desafio proposto para as crianças voltei ao texto acima citado e encontrei um trecho onde confrontei com minha idéia inicial sobre trilha virtual: “As propostas são convites, cabendo ao viajante aceitá-lo de imediato, deixar para mais tarde ou até mesmo ignorá-lo. O sujeito deve estar livre para decidir se a atividade traz alguma contribuição à sua aprendizagem”.

Da forma como eu estava propondo minha trilha ela não era virtual e muito menos deixava meus alunos optarem por este ou aquele caminho. Logo, conclui que minha idéia não poderia jamais ser chamada de trilha virtual.

Pensei então em outra estratégia e montei a seguinte trilha:

Ao direcionar o “sapinho” nas pedras as crianças virariam cada uma delas e escolheriam uma proposta cabendo aceita-la, adiá-la ou simplesmente ignorá-la. Ainda assim não me senti satisfeita, pois a trilha não era virtual e, além disso, se as crianças escolhessem um ou outro desafio eu teria que estar com todas as aulas previamente planejadas. Estando com todas as aulas previamente planejadas me questioneei: onde estão os interesses da turma, se planejo as aulas sem a participação ativa das crianças? Afinal o querem aprender meus alunos? Quais são suas dúvidas?

Me senti perdida... E mais angustiada ainda quando recebi o primeiro comentário sobre meus planos de aula. O que a professora Marie Jane carvalho expôs em seu comentário me dizia algo que eu já tinha percebido: falta algo de inovador na minha prática docente.

Particpei de um chat com a professora Marie Jane Carvalho, Juliana Machado e algumas colegas e refleti muito sobre as palavras:

- Com alunos pequenos não é possível trabalhar Projetos de Aprendizagem? ...

-Quem não tem medo de ousar consegue mais, quem te mais medo fica mais assustada...
(Marie Jane de carvalho)

E por que ter medo de ousar... Acredito sim, que é possível trabalhar com PAs com crianças pequenas. Acredito, pois já estou vislumbrando este maravilhoso trabalho em minha sala de aula.

Bem você leitor deve estar se perguntando: E a trilha? É uma metodologia e minha trilha agora possui o quarto desafio que não é só de meus alunos, mas meu também: Desenvolver um PA em minha sala de aula!

APÊNDICE 6**QUESTIONÁRIO APLICADO NA PESQUISA COM PROFESSORES E ALUNAS DO
MAGISTÉRIO**

Professora:	
Idade:	
Quantos anos de magistério?	
O que você entende por “realidade do aluno”?	

APÊNDICE 7

TABELA COM OS DADOS LEVANTADOS NAS ENTREVISTAS COM NOVE
PROFESSORES APOSENTADOS:

Professora	Idade	Tempo atuando como professora	Considera a realidade do aluno apenas como o meio na qual ele está inserido
B.	63	25 anos	Sim
D.	75	25 anos	Sim
E.	66	25 anos	Sim
M.	60	26 anos	Sim
O.	61	29 anos	Sim
R.	74	25 anos	Sim
T.	61	30 anos	Sim
V.	63	27 anos	Sim
Z.	60	30 anos	Sim

APÊNDICE 8

TABELA COM OS DADOS LEVANTADOS NAS ENTREVISTAS COM DEZ ALUNAS DO SEGUNDO ANO DE MAGISTÉRIO DE UMA ESCOLA ESTADUAL

Aluna	Considera pergunta difícil	Considera realidade do aluno apenas como o meio onde ele está inserido
A.	Não, respondeu com facilidade.	Sim.
B.	Não, respondeu com facilidade.	Sim.
C.	Não, respondeu com facilidade.	Sim.
D.	Sim. Precisou de um tempo para pensar e sentiu-se insegura ao dar a resposta argumentando que não sabe se a resposta está certa.	Sim.
E.	Não, respondeu com facilidade.	Sim.
F.	Sim, precisou conversar com as colegas da turma para apresentar sua resposta.	Sim.
G.	Não, respondeu com facilidade.	Sim.
H.	Sim, respondeu após conversar com as colegas no recreio.	Sim.
I.	Não, respondeu com facilidade.	Sim.
J.	Sim, precisou conversar com as colegas da turma para apresentar sua resposta.	Sim.

APÊNDICE 9

TABELA COM OS DADOS LEVANTADOS NAS ENTREVISTAS COM
DEZESSETE PROFESSORAS ATUANDO EM SALA DE AULA:

Professora	Idade	Tempo atuando como professora	Considera a realidade do aluno apenas como o meio na qual ele está inserido
A.	29	09 anos	Sim
B.	48	23 anos	Sim
C.	48	21 anos	Sim
D.	30	8 anos	Sim
E.	27	2 anos	Sim
F.	52	28 anos	Sim
G.	35	12 anos	Sim
H.	48	23 anos	Sim
I.	37	18 anos	Sim
J.	36	18 anos	Sim
K.	50	23 anos	Sim
L.	25	3 anos	Não. Argumenta que a realidade do aluno mudou muito. Antigamente os alunos não tinham acesso a internet e TV. A difusão rápida de informações na sociedade gera mais dúvidas nos alunos e por isso o professor tem que considerar seus interesses.
M.	45	22 anos	Não, argumenta que realidade do aluno é o que o aluno traz. O que ele já sabe e o que ele vive na família, na comunidade. Mas, não é só isso, são também os seus interesses que são influenciados pelo meio onde ele vive, e o meio não é só família e comunidade, são as informações que ele recebe como um todo.
N.	49	24 anos	Sim

O.	24	5 meses	Sim
P.	31	5 anos	Sim
Q.	43	17 anos	Sim

APÊNDICE 10

TRECHO DA DESCRIÇÃO DA AULA DE 13 DE ABRIL DE 2010, CONFORME REGISTROS EM MEU PBWORK DE ESTÁGIO:

...Convidei-os então para fazermos um desenho. Cada criança desenhou a casa onde mora. Escreveram pequenas frases na folha do desenho. Guardei está folha, pois ela fará parte do Livro da Vida que será construído ao longo deste semestre.

Veja abaixo alguns dos desenhos:





Depois desta atividade distribui um calendário para cada criança. Estes escolheram como colar em folha ofício. Questionei sobre o mês em que estamos, o respectivo dia e o dia da semana. Alguns ficaram em dúvida entre o mês de agosto e abril, pois os dois começam com a mesma letra. Mas sem meu auxílio conseguiram identificar o mês. Este calendário fará parte da rotina diária, todos os dias marcaremos com um X o respectivo dia.

Levei as crianças para o pátio para brincarem por alguns minutos na pracinha e de pular corda.

APÊNDICE 11

PRIMEIRAS CERTEZAS PROVISÓRIAS E DÚVIDAS TEMPORÁRIAS LEVANTADAS NO PROJETO DE APRENDIZAGEM: COMO NASCEM OS VULCÕES?

Certezas provisórias	Dúvidas temporárias
No vulcão tem fumaça.	Se a fumaça dos vulcões vai pros carros o que acontece com os carros?
O vulcão é feito de terra e pedra.	O que faz um vulcão explodir?
Tem explosão dentro do vulcão.	Tem fogo no vulcão?
Não tem vulcão em Três Cachoeiras.	Onde existe um vulcão?
O vulcão só existe em outro país, não existe no Brasil.	O que acontece com as pessoas que moram perto do vulcão?
O vulcão é grande.	Se a lava sai do vulcão o que acontece com ele?
O avião não pode passar por cima de um vulcão porque se não enche as turbinas de fumaça e ele cai.	Como sai lava do vulcão?